

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

PARADIGMAS DO CONHECIMENTO E DA EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA HERMENÊUTICA ¹

PARADIGMS OF KNOWLEDGE AND EDUCATION: A HERMENEUTIC FORMATIVE EXPERIENCE

Franciele da Silva dos Anjos Strohhecker², Cesar Augusto Danelli Júnior³

¹ Reflexões possibilitadas pela experiência formativa como alunos na disciplina de

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Unijuí, bolsista CAPES, sob orientação do professor Dr. José Pedro Boufleuer. Mestre em Educação nas Ciências e Graduada em Pedagogia pela Unijuí. E-mail: fran.anjos@hotmail.com.

³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Unijuí, sob orientação do professor Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer. Professor Universitário na Faculdade de Balsas (UNIBALSAS). E-mail: cesardanelli@gmail.com

Resumo: O presente texto se constitui em um esforço de interpretação e reflexão acerca dos paradigmas do conhecimento e da educação: **(a) paradigma das essências; (b) paradigma da razão subjetiva; (c) paradigma intersubjetivo.** A recuperação e compreensão histórica desses paradigmas constituíram as discussões e aprendizagens oportunizadas pela disciplina de *Paradigmas do conhecimento e da educação* ofertada pelo programa de pós-graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Inspirados e provocados pelas aulas, pretendemos tematizar aqui cada um desses paradigmas a partir de seus desdobramentos/influências para o modo como temos realizado pesquisa em educação e, ao mesmo tempo apresentamos nossos entendimentos acerca das principais ideias que constituíram cada um desses paradigmas nos seus diferentes modos de racionalidade. Este esforço nos permite compreender a contemporaneidade como momento em que se encontram/interpenetram esses paradigmas, constituindo nossos modos de compreender o mundo e as relações que nele estabelecemos, o que, obviamente, também constitui nosso modo de conceber o conhecimento e a educação.

Palavras-chave: paradigmas; conhecimento; educação.

Abstract: This text is presented in an effort to interpret and reflect on the paradigms of knowledge and education: (a) paradigm of essences; (b) the applicable reason paradigm; (c) intersubjective paradigm. The recovery and historical understanding of these paradigms were constituted as discussions and learning opportunities provided by the discipline of Paradigms of knowledge and education offered by the graduate program in Education in Sciences of Unijuí. Inspired and provoked by the classes, we intend to focus on each of these paradigms here from their developments / influences to the way we obtained research in education and, at the same time, to present our understandings about the main ideas that constitute each one of these paradigms in the same ways. rationality. This effort allows us to understand contemporaneity as the moment in which these paradigms are interpenetrated, constituting our methods of understanding the world and the relationships it has established, which, obviously, also uses our way of conceiving or learning.

Keywords: paradigms; knowledge; education.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

INTRODUÇÃO

Quando nos lançamos no caminho da pesquisa temos em mente uma ideia de percurso a ser realizado para que alcancemos os nossos objetivos, ainda que os mesmos, por sua vez, possam ser modificados ao longo do percurso, tendo em vista o reajuste permanente conforme a pesquisa se desenvolve. Neste sentido, a forma como percebemos esse caminho ou, daqui a pouco, a importância que damos a ele, bem como as hipóteses que elaboramos e o modo como nos relacionamos com elas revelam os paradigmas com os quais operamos e, ao mesmo tempo – de uma forma ou de outra –, os condicionamentos compreensivos destes mesmos paradigmas. Deste modo, para além de sua presença no modo como realizamos pesquisa em educação, ele ou eles também constituem o nosso pensamento, sobretudo, no modo como concebemos aquilo que conhecemos e, evidentemente, considerando este movimento, no encharcamento, por consequência, de nossa prática educativa. Mario Osorio Marques concebe a noção de paradigmas de modo alargado, entendendo que atingem toda ação humana e todo conhecer “em seus eixos de mudanças mais radicais, não estritas, esporádicas e parciais”, entendendo que eles não se sucedem, mas se “interpenetram e permanecem na novidade de nova estruturação na cultura e nas cabeças” (1992, p. 548).

Essa noção paradigmática apresentada por Marques na obra *Conhecimento e modernidade em reconstrução* inspirou o percurso formativo vivido na disciplina de *Paradigmas do conhecimento e da educação* [1]. Ao recuperar os condicionantes históricos da humanidade, a partir da referência (e recorrência) a tradição filosófica ocidental, os professores dessa disciplina nos oportunizaram, dentre outras coisas, uma experiência formativa na perspectiva hermenêutica. Isso significa que tivemos a oportunidade de (re) construir dialogicamente compreensões acerca dos eventos históricos no âmbito da educação, da economia, da política, da literatura e da cultura em geral, levando-nos a visualizar como ainda maculam e atravessam nossos modos de ser, conhecer e, nesta senda, educar. Em outras palavras, no desafio de compreender as razões que impulsionaram (e ainda impulsionam) a humanidade a conhecer e a produzir formas de conhecer, conseguimos perceber a importância da discussão paradigmática na contemporaneidade, visto que é pelo movimento compreensivo do que temos sido como humanos e do que temos produzido ao longo da nossa tradição ocidental que se torna possível minimamente entender porque temos produzido esse tipo de sociabilidade e, por conseguinte, porque temos feito (e continuamos fazendo) a aposta na formação humana não aligeirada e no conhecimento filosófico e científico como caminhos mais razoáveis de se construir uma humanização que não abra mão do postulado ético enquanto uma espécie de cláusula pétrea do fazer educativo.



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Assim, considerando os supostos acima delineados, pretendemos, com este escrito, apresentar algumas compreensões acerca dos três paradigmas estudados ao longo da disciplina de *Paradigmas do conhecimento e educação*. Deste modo, o ponto culminante foi abastecer-nos intelectualmente com os paradigmas do conhecimento que perpassaram/perpassam a história da humanidade e, por consequência, seus condicionamentos no modo de compreender o mundo mediante a inserção dos sujeitos em cada época específica. Refletimos, basicamente, na esteira do percurso filosófico e científico, fragmentado historicamente em etapas na forma propositiva dos professores da disciplina, quais sejam: **(a) paradigma das essências;** **(b) paradigma da razão subjetiva;** **(c) paradigma intersubjetivo.** No que segue, pretendemos tematizar cada um desses paradigmas a partir de seus desdobramentos/influências para o modo como temos realizado pesquisa em educação, para seguidamente ir apresentando nossos entendimentos acerca das principais ideias que constituíram cada um desses paradigmas nos seus diferentes modos de racionalidade.

METODOLOGIA

Elegemos a Hermenêutica Filosófica como postura compreensiva frente às tradições com as quais iremos dialogar, imaginando que é na abertura ao outro que esse modo de proceder (hermenêutico) convoca que poderemos deixá-los falar. Nesse sentido, buscamos com este espaço de escritura refletir acerca dos diálogos, entendimentos e aprendizagens que constituíram nosso percurso formativo na disciplina de “Paradigmas do Conhecimento”. Experiência formativa marcada essencialmente por esse caráter ético de abertura ao outro, no sentido de abrir caminho para uma experiência de diálogo para com as diferentes tradições do pensamento humano. Trata-se aqui de criar um espaço interpretativo e reflexivo acerca dos diferentes modelos de racionalidade humana, que compõem o modo de pensar e agir dos paradigmas: das essências, moderno (da razão subjetiva) e intersubjetivo (ou neomoderno). Nosso principal interlocutor é Mario Osorio Marques, que se lançou em um esforço compreensivo acerca de como esses paradigmas operaram e continuam operando na contemporaneidade, a partir, principalmente, do movimento intelectual de pensar os desdobramentos paradigmáticos para o modo como lidamos com o conhecimento e em consequência, com a educação. Além de Marques, nossos interlocutores principais foram nossos professores, como interpretes dessa tradição sobre a qual buscamos aqui refletir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciemos imaginando a construção de uma tese. Se imaginarmos capturar um sentido único, verdadeiro e imutável de algum objeto mundano, podemos estar operando em sintonia com o paradigma das essências, paradigma de cunho metafísico que surge na Grécia Antiga e, importante



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

destacar, marca profundamente a relação do humano com o mundo, do humano com o conhecimento e do modo como se conhece, superando, até então, a explicação mitológica enquanto narrativa compreensiva deste mesmo mundo. Nesta vereda, a realidade é tomada como um dado objetivo, fazendo-se necessário apreendê-la a partir de suas essências. Numa perspectiva ontológica, o “ser” é imutável, fixo e determinado, colocando a razão a tarefa de representá-lo conceitualmente. Trata-se da suposição de que é possível ao humano encontrar a essência das coisas como verdade absoluta e eterna. Como aponta Marques, “para eles a experiência originária é a do ‘homem diante da natureza’, ou seja, a alma diante das coisas: dualismo antropológico” (1993, p. 20).

Tal modo de pensar trouxe consequências para a educação e para a pesquisa que perduram até os dias de hoje, a saber, a ideia de que conhecer é desvelar as verdades que já existem e estão nas coisas mesmas. A aprendizagem, nesta perspectiva, é transmissão, assimilação e memorização. Educar, como lembra Marques, é “inserir o educando na ordem do mundo e dos homens”. Ordem esta, fixa, onde sujeito, mundo e objeto eram determinados e permaneciam para sempre nessa determinação, cabendo aos que se dedicavam a vida contemplativa ver as coisas para além do mundo físico, para além das aparências, buscando, neste caso, um esforço intelectual metafísico em direção as essências que residiam no mundo das ideias.

O professor, agente ativo deste movimento, é quem detém a autoridade do conhecimento para transmitir aos seus alunos. Estes são meros receptáculos e a quem é relegada a missão de memorizar os conhecimentos ensinados. O paradigma das essências e seu modelo de compreensão de mundo perpassarão toda a Idade Média, porém, com uma alteração basilar, uma vez que, dentro deste enquadramento, Deus é ocupa o lugar de “centro”, representando, aqui, a ideia de absoluto por excelência. No mais, a filosofia torna-se serva da teologia a fim de justificar racionalmente os fundamentos do cristianismo.

Voltando a pensar a pesquisa, se intentamos encontrar na nossa estrutura compreensiva uma resposta a alguma questão do nosso tempo através de um método infalível, ou mesmo se acreditamos na capacidade humana de construir ideias transparentes e pesquisar com radical objetividade, sem que contaminemos a nossa pesquisa com nossos pré-conceitos, possivelmente estamos sustentados pelo paradigma moderno da razão subjetiva. Ele começa a configurar-se já no período renascentista e, neste sentido, Deus é solapado da ideia de “centro”, passando a ocupar, no seu lugar, o próprio ser humano. Nesta perspectiva, há uma passagem paradigmática do *teocentrismo* para o *antropocentrismo*, trocando-se, portanto, um fundamento absoluto por outro[2].

No paradigma moderno ou da razão subjetiva, não é mais o que os sentidos captam, mas o que a razão impõe, substituindo-se o real pela razão. Os modernos são homens de laboratório, não reconhecendo

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

a autoridade de um texto, mas trabalhando mediados por categorias da razão. Suspeitam da natureza posta e são heréticos porque duvidam. Quanto à educação, já que estão cientes que não são deuses, agora, mais do que nunca, é que precisam da educação para se constituírem como sujeitos. O professor ocupa uma posição de vanguarda, uma vez que, com base nos diagnósticos e prognósticos de uma razão crítica, autônoma e esclarecida, situa as novas gerações frente à tradição já construída.

Tal como o paradigma das essências, o paradigma moderno também assume caráter metafísico, apostando que a razão humana pode traduzir as verdades do mundo. Em vista disso, se no paradigma das essências o humano voltava-se para o objeto para contemplá-lo e capturar o que estava para além das aparências, no paradigma moderno os sujeitos encontravam dentro de si o aparato necessário para desvelar, manipular e criar. É a aposta nas capacidades humanas ilimitadas, ancorada no iluminismo e no ideal de emancipação humana. O mundo e as coisas do mundo tornam-se objetiváveis e o humano sujeito capaz de manipulá-los a seu favor. Disso resulta

[...] uma razão que ignora seus limites e sua necessária ancoragem em critérios ético-políticos de validação, e se enclausura na racionalidade estritamente instrumental ou estratégica, do emprego dos meios e artimanhas para fins de que não toma conhecimento” (MARQUES, 1992, p.553).

Da inaugural e indispensável noção de autonomia e esclarecimento, aos prejuízos que a razão instrumental traz a toda humanidade, incontáveis são os ganhos e perdas que o paradigma moderno nos legou. Pelo fato de não se sucederem, mas se interconectarem, como diz Marques, há muito desse paradigma operando nos dias de hoje na educação e na pesquisa em educação, ou melhor, operamos de forma significativa sob a influência do paradigma moderno em diferentes instâncias de nossas vidas. Nossa crença em um método seguro para ensinar e também para conhecer objetos, verdades, coisas; a aposta que tanto se faz na educação como caminho para a construção de uma sociedade justa, igualitária; o esforço em torno da formação de sujeitos para a emancipação e autonomia de pensamento e ação, bem como, o desejo que algumas forças políticas têm de colocar a escola a serviço de um determinado projeto econômico-político-partidário, dentre outros tantos movimentos que têm marcado a educação contemporânea, são devedores dos modernos e do paradigma em questão.

Consequentemente, a modernidade, em sua crença na capacidade racional e autoconsciente do humano, abriu caminho para se pensar um processo formativo em que o humano fosse visto, pela primeira vez, como sujeito capaz de autoformar-se, de construir por si conhecimentos capazes de orientá-lo eticamente e moralmente em sua ação no mundo. Essa crença na capacidade de autonomia

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

humana através da razão trouxe para a humanidade significativos avanços em vários campos/instâncias da vida. Por isso a modernidade é entendida por Marques como “a novidade que se abre para um outro horizonte de futuro em todas as dimensões da vida humana”. A possivelmente mais revolucionária condição de possibilidade que este período trouxe a humanidade diz respeito ao pensamento. Foi pelo pensamento moderno que a modernização foi possível, considerando, aqui, os ganhos e retrocessos. Assim, o primeiro suposto do pensamento moderno se refere ao princípio da subjetividade racional do homem. Isso trouxe outro modo humano de entendimento de si, do outro e do mundo, em que o “eu” tornava-se referencia para compreensão dessas outras categorias.

Ao estabelecer-se a subjetividade como verdade primeira, substitui-se o paradigma ontológico do saber-em-si pelo paradigma mentalista da razão enquanto subjetividade idealizadora, de uma consciência, espaço interno, espelho em que se refletem as realidades feitas representações (MARQUES, p. 51).

É o “eu”, com suas categorias subjetivas para interpretação, i. é, com sua razão autoesclarecida que, autonomamente, chega ao conhecimento das coisas. O “eu” é a referencia em que o conhecimento se fundamenta, num descrédito a tradição. Descartes foi pioneiro nesse movimento de negação da tradição, fundando seu método na consciência individual, na tentativa de um pensamento objetivo, livre de quaisquer preconceitos que a experiência com a tradição nos traz. Entrava em cena na modernidade uma racionalidade fundamentada no subjetivismo do pensamento racional autônomo, “um racionalismo originante do processo cognitivo, que, escorado na teoria das ideias inatas, estabelece o predomínio da razão como logicamente necessária e universalmente válida [...]” (MARQUES, 1988, p. 64).

E essa aposta na racionalidade humana como condição e possibilidade de progresso da humanidade também deixou suas marcas na educação, visto que era preciso formar os sujeitos para que atendessem as exigências desse mundo moderno. Marques indica nesse paradigma moderno, “a educação se faz intencional preparação para a vida e se deve moldar às exigências postas ao homem capaz de produzir ativamente” (1993, p. 106).

A pedagogia precisou atender a essa demanda por cientificidade, o que a fez buscar por bases epistemológicas e metodológicas mais contundentes. Mas como a grande questão da ciência moderna passou a ser o método, em grande medida pelo apelo que Descartes fez a ele, como modo racional e objetivo de acessar o conhecimento e o ser das coisas, a pedagogia também passou a dar um lugar de destaque para o “como” fazer de sua ação.

Organiza-se o ensino-aprendizagem sob a forma de programação sistemática e minuciosa,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

orientada por objetivos precisos e quantificáveis, com metas escalonadas e padrões de desempenho verificáveis. O método se reduz a procedimentos táticos de sala de aula. Predominam os testes precisos (objetivos) na avaliação do desempenho comportamental e na mensuração dos resultados da aprendizagem cognitiva (MARQUES, p. 107).

Voltando ao modo como fazemos pesquisa e sobre o que ela nos diz acerca dos paradigmas, há, também, a possibilidade de nos lançarmos no caminho da pesquisa entendendo que temos uma tradição humana que constitui o modo de ser do mundo, sem perder de vista também, que somos constituídos por pré-conceitos (e/ou pré-compreensões) acerca do mundo e das coisas e, por este ângulo, por sermos atravessados pela história e pela linguagem, não podemos imaginar qualquer tipo de construção científica livre dessas marcas. De outro modo, podemos ter em mente que as respostas que encontrarmos serão provisórias e falíveis, tais como a nossa existência. Nessa perspectiva, estaremos construindo uma tese com a consciência de que, em última instância, não há uma verdade absoluta e imutável que nos espera sentada no trono e, por sua vez, acessível por um método indefectível. Neste ponto, considerando os elementos esboçados aqui, apresenta-se o paradigma intersubjetivo (ou neomoderno, tal como indicado por Marques).

No paradigma intersubjetivo, conhecemos o mundo mediante a linguagem estabelecida entre os sujeitos e, do mesmo modo, nos configuramos como sujeitos inseridos num entendimento compartilhado: eu/nós; relativo/objetivo; particular/universal. A deliberação, já é estar no mundo da linguagem, ali nos encontramos como espécie humana, na intransparência desta. Podemos perceber a “virada linguística” no pensamento de Martin Heidegger, que salienta que “a linguagem é a casa do ser”, i. é, o ser humano é linguagem.

Neste paradigma, o sujeito torna-se consciente de que a palavra é fazedora de mundo e de gente, e que ela é sempre um acordo entre múltiplas vozes. Trata-se de um paradigma que reconhece que as verdades provisórias a que chegamos não se revelam a nós, como também, que não conseguimos arrancá-las de dentro de nós mesmos através do uso da razão, mas que as construímos no diálogo ou, como quer Habermas, na ação intersubjetiva. A neomodernidade é, como entende Marques, uma proposta paradigmática que intenta “alterar radicalmente a noção de conhecimento como relação entre sujeitos individuais e objetos, percebendo-o agora na relação entre atores sociais e seus proferimentos, à busca de se entenderem” (1992, p. 558).

A educação assentada nesse paradigma busca o alargamento dos horizontes de sentido na dinâmica das experiências vividas e na totalidade da aprendizagem humana pelos homens, ou seja, educar torna-se apresentar o mundo as novas gerações, não como “coisa” imutável, pelo contrário, mas como construção humana no âmbito da linguagem, maculado pela história e pela tradição das

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

nossas existências, portanto, dinâmico e aberto à possibilidade de renovação de mundo comum. Não se trata de ensinar verdades incontestáveis, mas de apresentar os argumentos que justificam o mundo, as ciências, a vida humana, no reconhecimento de que o mundo pode ter continuidade como projeto comum e ser ao mesmo tempo renovado pelos novos sujeitos à medida que estes puderem compartilhar de sua permanente reconstrução, o que se dá no reconhecimento de que tem sido feito por múltiplas razões. Se aposta no entendimento intersubjetivo acerca do mundo e das objetivações que temos dele, sustentado pelo caráter provisório, histórico, finito que constitui qualquer entendimento e qualquer noção de mundo. Quanto às perspectivas pedagógicas que orientam a prática educativa, elas passam a ser validadas por construção e elaboração consensual. Resultam de processo de elucidação discursiva à base dos melhores argumentos (MARQUES, 1992, p. 560). São significativas as aprendizagens “que se abrem e se orientam para novas competências comunicativas nos campos da cultura, da vida em sociedade e da expressão das personalidades libertas de qualquer amarra” (p. 563).

O educador, aqui, precisa estar inserido em uma comunidade científica, participando dos processos de validação e de refutação dos saberes e procurando uma estabilidade do conhecimento, num movimento que transpassa a perspectiva subjetiva-opinativa para uma objetividade pensante num consenso partilhado e não substancial – numa postura de constante reconfiguração, pois a educação, assim como o humano, possui uma base volátil ou, em outros termos, configura-se com os pés de barro, ainda que, após as nossas construções, não reconheçamos estes elementos.

Por derradeiro, no paradigma intersubjetivo os sujeitos interagem e conduzem um movimento argumentativo acerca das coisas do mundo. A razoabilidade das questões é mediada pela palavra, demandando um fluxo argumentativo e contra argumentativo entre diferentes atores sociais.

Por tais razões é que acreditamos que esse paradigma está muito próximo daquilo que a hermenêutica filosófica gadameriana se propõe enquanto caminho possível que busca compreender os fatos humanos no reconhecimento da tradição e dos pré-conceitos que nos constituem, pressupondo que somos feitos de pré-compreensões e que somente conscientes dessa nossa constituição que podemos saber dos limites e possibilidades da nossa compreensão. A hermenêutica filosófica é uma espécie de sustento do paradigma neomoderno na medida em que nos convoca a reconhecermos a falibilidade do nosso pensamento, uma vez que qualquer ação no sentido da compreensão já está marcada por pré-compreensões. É o reconhecimento de que a razão não é uma faculdade suprema da mente, que tem lentes puras para olhar e compreender o mundo, mas sim que está encharcada pelas experiências que nos constituem. Hermenêutica se ocupa com tornar transparente o caráter provisório das nossas



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

supostas certezas. Assim, a verdade revela-se através da avaliação crítica das pretensões de verdade, expostas pelas subjetividades que se encontram e dialogam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se “a educação é sempre a expressão (racional) do entendimento que determinada sociedade tem em relação ao que constitui propriamente o “humano” (BOUFLEUER)[3] podemos considerar que não é possível pensar a educação, em qualquer época histórica, sem pensar em qual concepção de humano, de mundo, de conhecimento essa era fundamentada. Isso porque é pela educação que nos tornamos humanos, como nos disse Kant (1999, p. 15): “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação faz dele”. Então, podemos dizer que é finalidade da educação a humanização, e o modo como ela se concretiza depende do modo de operar da própria razão. Tal é importância da discussão paradigmática possibilitada pela disciplina de “Paradigmas do Conhecimento e da Educação”, no sentido de que nos possibilitou trilhar os caminhos históricos em que foram forjados. Assim, este esforço de escrita nos possibilitou compreender a contemporaneidade como momento em que se encontram/interpenetram esses paradigmas, constituindo nossos modos de compreender o mundo e as relações que nele estabelecemos, o que, obviamente, também constitui nosso modo de conceber o conhecimento e a educação.

Por fim, compreendemos que os paradigmas são um modo de conceber o conhecimento nos diferentes períodos da história humana, como categorias que elegemos para compreender as razões em que o conhecimento e a educação buscaram se sustentar epistemologicamente, filosoficamente, cientificamente. Assim, é como se os paradigmas fossem uma chave de leitura, ou critério que possibilita determinada interpretação dos eventos/movimentos/escritos que constituem nossa tradição humana. Paradigma-critério constituído por um modo de operar hermenêutico-comunicativo, possível de ser percebido não apenas no discurso que compõe os textos que estudamos e as discussões que tivemos, mas também na postura pedagógica dos professores, marcada pelo espaço criado pela palavra para abertura, para nos alcançar (alunos). É por isso que acreditamos ter vivido pela disciplina uma experiência formativa hermenêutica.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

MARQUES, Mario Osorio. Os Paradigmas da Educação. In: Revista Brasileira de Estudos

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

Pedagógicos, Brasília, v.73. nº175, p. 547-565, set/dez. 1992

MARQUES, Mario Osorio. Conhecimento e modernidade em reconstrução. Ijuí: Unijuí, 1993.

[1] A disciplina é ofertada anualmente pelos professores doutores José Pedro Boufleuer e Paulo Evaldo Fensterseifer no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.

[2] Segue algumas diferenciações em relação aos dois paradigmas – *Teocentrismo/Antropocentrismo*: **(1) heteronomia/autonomia**; **(2) mundo revelado/mundo a construir**; **(3) verdade revelada/verdade a construir**; **(4) vida eterna/vida terrena**; **(5) salvação/felicidade**; **(6) fé/razão**.

[3] Texto disponibilizado pelo professor José Pedro Boufleuer, intitulado “Paradigmas do Conhecimento e da Educação”.

Parecer CEUA: 640.285